
ESCRITA DE SI E O RELACIONAMENTO CONJUGAL
SELF-WRITING AND CONJUGAL RELATIONSHIP

Edny Anderson Bezerra Coutinho

Graduado em Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1722-0566>. E-mail: ednyanderson10@gmail.com

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

Docente dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB) e em Organizações Aprendentes (MPGOA/UFPB) e dos Cursos de Graduação em Arquivologia e Biblioteconomia, todos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Letras e Mestre em Ciência da Informação ambos pela UFPB. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6836-3102>. E-mail: bernardinafreire@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo geral analisar o conjunto de quinze cartas manuscritas em papel, extraídas do arquivo familiar, trocadas entre Abdias Bezerra da Silva e Edite Freire da Silva, entre os anos de 1945 e 1946, à luz da escrita de si. Esta é entendida neste texto enquanto exercícios de escrita íntima que funcionam como matéria-prima para compreender as relações amorosas considerando o período histórico em tela, bem como um modo de indagar as formas de subjetividade a partir do exercício da escrita de si para si e de si para outros. Constitui-se, pois, um mecanismo confessional nas relações entre homens e mulheres do referido período, capaz de delinear, em seus escritos, desejos, paixões e aspirações.

Palavras-chave: Escrita de si. Cartas. Arquivo familiar. Confissões de si.

ABSTRACT

This article aims to analyze the set of fifteen handwritten letters on paper, extracted from the family archives, exchanged between Abdias Bezerra da Silva and Edite Freire da Silva, from 1945 to 1946, in the light of their self-writing. This is understood in this text as intimate writing exercises that work as a raw material to understand love relationships considering the historical period on screen, as well as a way of inquiring about forms of subjectivity from the exercise of writing from one to oneself and from yourself to others. It constitutes, therefore, a confessional mechanism in the relations between men and women from that period, capable of delineating, in their writings, desires, passions and aspirations.

Keywords: Self-writing. Letters. Family archive. Self-confessions.

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: Esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.

O que ela quer da gente é coragem
(ROSA, 1994, p. 449).

1 INTRODUÇÃO

Sua carta só me alcançou há poucos dias. Quero lhe agradecer por sua grande e amável confiança. Com toda devoção e toda simpatia,
(*Rainer Maria Rilke, Paris, 17 de fevereiro de 1903*)

Este fragmento de uma carta de Rainer Maria Rilke (2006), publicada na obra “Cartas a um jovem poeta”, constitui-se significativo para introduzir este artigo, levando-nos de volta ao passado trazendo à memória as práticas de comunicações familiares mediadas pelas cartas, tendo o carteiro como seu entregador.

As lembranças do passado tomam força quando nos deparamos com um conjunto de quinze cartas trocadas entre um jovem casal em meados do século XX, e, preservadas pela família, despertando o interesse e escolha pelo gênero epistolar. Ao ver as cartas do século passado, recordamo-nos do olhar de surpresa ou mesmo de curiosidade que era expresso por quem as recebia. Atitudes que parecem divergir das relações na sociedade contemporânea,¹ cuja marca são as relações pessoais mediadas pelas Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDCIs), como afirma Castells (2000, p. 17), ao referir-se à sociedade da informação,

A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico, por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e pela individualização da mão-de-obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado.

Para o autor, a sociedade da informação encontra-se conectada por redes telemáticas que configuram a nova morfologia social, modificando processos produtivos, experiências humanas, bem como a forma de comunicação entre os sujeitos.

Frente a essa sociedade em rede, as cartas nos moldes do século passado parecem ganhar, de acordo com Andrade e Oliveira (2015, p. 2), “nostalgicamente o estatuto de relíquia familiar”. Para outros, nem mesmo essa condição, afirmativa empiricamente perceptível nas feiras de antiguidades, onde nos deparamo-nos com conjuntos de cartas de pessoas desconhecidas postos à venda, à espera de algum interessado no gênero. Nesse

¹ Para fins deste artigo, adotamos o termo sociedade contemporânea como sinônimo de sociedade da informação na perspectiva de Castells (2000).

entendimento, de acordo com Carvalho (2005, p. 21), o gênero epistolar é caracterizado por subgêneros, a exemplo de:

[...] a carta comercial, a carta administrativa, a carta oficial, a carta de amor, a carta aberta, a carta precatória, a carta de presidiário, de suicida, etc. Pela denominação de cada subgênero, nota-se a adoção de critérios distintos de classificação: a carta comercial e a carta administrativa, por exemplo, parecem considerar o critério da atividade social em que se dá a comunicação verbal (conforme indicam os adjetivos “comercial” e “administrativa”); a carta de amor, por outro lado, parece contemplar o conteúdo temático veiculado (expresso pela locução adjetiva “de amor”); a carta aberta é denominada dessa maneira em razão do destinatário (“aberta” ao público em geral [...]); e assim por diante.

Utilizamos como corpus analítico um conjunto de quinze cartas configuradas na subcategoria *cartas de amor* que, apesar de guardadas como relíquias familiares, representam também documentos que integram os espaços privados e privativos familiares compondo documentos dos arquivos de famílias ou mesmo os arquivos pessoais. Analisar as cartas, de certo modo, consiste numa espécie de mergulho de si mesmo dos missivistas, considerando Tanselle, citado por Cox (2017, p. 257), que “o artefato tem sua própria história para contar”. Nesse sentido, as cartas amareladas pelo tempo, para além do discurso, possuem outros sentidos, que as concebemos como espaço de recordação na concepção de Assmann (2011).

Como procedimento analítico, adotamos os pressupostos da escrita de si que, de acordo com Foucault (1992), está associada à autorreflexão de si, o pensar sobre si numa espécie de ato confessional. Araújo (2011, p. 8), ancorado na perspectiva foucaultiana, afirma que a escrita de si “constitui o próprio sujeito, constrói a noção de indivíduo”, uma espécie de modalidade autobiográfica. Nessa perspectiva, os escritos das cartas se revelam como uma autobiografia do romance vivido e dividido entre Abdias e Edite, personagens que impulsionaram revisitar o passado familiar inscrito no tempo e espaço, associado aos princípios da história oral de vida, coletadas por meio dos depoimentos familiares de pessoas que conviveram com o casal.

Nesse viés, Bertaux (1980), citado por Oliveira (2017, p. 409), assegura que “o pesquisador nem sempre pode confirmar a autenticidade dos fatos, pois neste caso ele leva em consideração o ponto de vista de quem está narrando”. No caso em tela, as lembranças de vida foram extraídas a partir de depoimentos de familiares anotados em cadernetas de campo.

2 ESCRITA ÍNTIMA, CONFISSÕES DE SI

*Uma carta uma brasa através
por dentro do texto
nuvem cheia da minha chuva
cruza o deserto por mim
a montanha caminha
o mar entre os dois
uma sílaba um soluço
um sim um não um ai
sinais dizendo nós
quando não estamos mais.*
(Leminski, 1996, p. 35)

O estudo de cartas no campo da Ciência da Informação tem sido recente e ainda pouco explorado. Essa assertiva pode ser pensada a partir dos trabalhos apresentados nos GTs da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ANCIB), onde identificamos o trabalho de Andrade e Oliveira (2015) a partir da concepção *de informação epistolar*, extraída da dissertação de Andrade (2014, p. 45), ao concebê-la como:

Um conjunto de enunciados que expressa testemunhos, desabafos. Sentimentos, confissões, desamores, amizades, negócios, histórias de vida, situadas no tempo, espaço e movimento, determinados socialmente, designados por um destinatário, quer seja este real ou imaginário, passivos de significação e interpretação.

Seguindo esse mesmo entendimento, compreendemos ainda a carta como um espaço de memória, uma vez que os escritos registrados são também uma espécie de ato confessional de uma dada realidade social, traduzida por meio da escrita tensa, recheada de afetividade, de amizades e subjetividades que nos é dada a ler (CAMARGO, 2000).

No caso em especial, as cartas de amor, segundo Andrade (2014), são escritos que registram sentimentos, declarações, ajudam a diminuir a saudade, uma espécie de espaço de recordação e confissão de si, confissão de sentimentos.

Nesse ato confessional, os missivistas se desnudam, ainda que consideremos a época. Esses no afã de expressar sua paixão ou sentimento deixam transparecer por meio da escrita os sentidos do momento. Por outro lado, há que ressaltar que ao registrar fatos e sentimentos, o missivista também traz à tona nomes de pessoas que testemunharam os fatos narrados.

Nesse sentido, a carta se coloca enquanto espaço de recordação individual e coletiva, ao referir-se ao tempo, espaço, envolvendo pessoas, ações e sentimentos.

Nesse caso, trata-se de cartas encontradas no arquivo privado da família Bezerra. Papéis, embolorados, que sobreviveram ao tempo por meio do esquecimento. Para fins desse arquivo, adotamos a compreensão de arquivos de família na concepção de Gonçalves, Guimarães e Peixoto (1996, p. 24-25), ou seja,

Um [...] espaço multifuncional, em que por um lado funciona a lógica da gestão dos assuntos correntes da família e por outro os interesses pessoais de cada um dos indivíduos que a constitui [...]. Podemos considerar que o Arquivo de Família vai dar lugar a vários arquivos pessoais, e não já a um conjunto documental que tem um carácter generalizante a toda a família.

Neste particular, as cartas trocadas entre Abdias e Edite se constituem, portanto, um fragmento não generalizante da família Bezerra.

2.1 (RE)LENDO CARTAS

As cartas em análise originam-se da relação amorosa entre Abdias Bezerra da Silva e Edite Freire Correia. Todavia, as missivas aqui analisadas foram escritas por Abdias, enviadas para Edite e por ela preservadas. Entretanto, no baú familiar não foi encontrada nenhuma carta dela para ele. Pode-se, pois, inferir que ela preservou apenas as cartas recebidas dele, não deixando registros de suas próprias confissões.

Nascido no início do século XX, Abdias era um jovem negro de origem humilde que nascera na cidade de Timbaúba, município do estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil, no ano de 1904. Filho dos ex-escravos Manoel Bezerra da Silva e Maria Bezerra da Silva, esta que havia recebido do filho Abdias a promessa de que ele não se casaria enquanto ela estivesse viva, e assim aconteceu.

Abdias trabalhava para seu irmão Severino Bezerra, conhecido por Severino Campina, na área da construção civil. Registra-se nas memórias familiares que Abdias sofrera um acidente vindo a cair da carroceria do caminhão, ocasionando um sério trauma em sua bacia. Por conseguinte, isso o fez usar bengala até o seu último dia de vida, porém o acidente não o afastou do seu trabalho, de pedreiro, por muito tempo.

Apesar de ter estudado apenas o ensino básico, era amante da leitura e da boa música. Ainda jovem, tocava pandeiro em rodas com amigos e representava bem a figura do homem pouco letrado que vivia num país de poucas oportunidades, marcado por uma grande segregação racial.

Abdias, em sua juventude, meados da década de 1930, testemunhou um país marcado por momentos de incertezas e instabilidade social e política com a implantação no país do Regime Constitucional Democrático, bem como greves e ameaças de golpe, momento em que ocorria o declínio dos senhores do café e a ascensão da burguesia industrial.

Eram crescentes as massas de desempregados que vagavam pelas cidades e campos em busca de uma solução do Estado. Vivendo nesse contexto, o jovem Abdias ganhava sua vida na construção civil que era uma das áreas de trabalho composta, em grande parte, por negros, conforme afirmam Oliveira e Oliveira, (2015, p, 2)

As cidades no Brasil no decorrer do espaço tempo, sobretudo o período de 1870 a 1930, não pode ser interpretado e observado sem a história do protagonismo da população negra. Esta população, durante a sociedade escravagista, as três primeiras décadas do século XX e, principalmente no decorrer do século passado, foi responsável por todo tipo de trabalho, no campo e na cidade. Homens e mulheres negras edificaram e cimentaram as bases do desenvolvimento e da hierarquia socioeconômica do país e das principais cidades brasileiras, por exemplo, as cidades de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo.

Apesar do espaço e tempo vividos por Abdias, a família testemunhou que ele sempre mencionava o apoio recebido de um amigo, o senhor Rocino², que ele o considerava o melhor de todos. Amizade essa que perdurava desde o tempo da juventude de Abdias. Rocino expressava o desejo de vê-lo bem-casado e tendo a oportunidade de recomeçar uma nova vida ao lado de alguém que o amasse e cuidasse dele. À época, Abdias já beirava os 40 anos de idade, cujo ano de nascimento foi 1906, e ficara sozinho após o falecimento de sua mãe.

Senhor Rocino era mascate e ganhava a vida viajando pelas pequenas cidades de Pernambuco e Paraíba vendendo tecidos de porta em porta. Nessas viagens, costumava ir à capital da Paraíba, que já recebera o nome de João Pessoa, onde conhecera a jovem Edite, de 20 anos, uma das suas clientes, que, por sua vez, era dona de uma formosura singular. Seus cabelos pretos lisos, levemente ondulados, contrastavam com a sua alva pele, porém seu charme estava no jeito simples, educado e discreto de lidar. No retorno de uma dessas viagens, ele chamou Abdias e disse: “Taí Abdias! Encontrei a mulher que vai casar-se com você e te fazer feliz até a morte”, confessa. De volta à Timbaúba e

² Não foi possível, durante a pesquisa, a identificação exata do nome e sobrenome do Mascate.

imbuído de fazer o amigo feliz, convida-o a ir com ele para João Pessoa conhecer a jovem Edite. E assim o fez.

Edite era a mais nova dentre quatro irmãos, filha do seu Antônio Joaquim Freire Correia, que era um senhor português amoroso, e dona Joana Freire Correia que viria a falecer quando Edite tinha ainda quatro anos, momento em que sua irmã Jaira passou a assumir a responsabilidade de sua criação junto com seu Antônio.

Jaira sempre reiterava o compromisso familiar de cuidar de Edite até que ela encontrasse um bom casamento. Por sua vez, Abdias, dominado pelo desejo de conhecer a mulher que viria a ser sua até a morte e mãe de seus 6 filhos, viajou de Timbaúba até João Pessoa. Foi paixão à primeira vista, relatam os familiares.

Ao conhecê-la, estava convicto que havia encontrado a razão da sua vida. Pediu a sua mão em casamento e retornou à cidade de Timbaúba, deliberadamente com mais afinco, retomando o trabalho de pedreiro. A partir daí, envolvido pelo avassalador sentimento da paixão, regado ao tormento da saudade que a distância trazia, Abdias escreve a primeira carta à sua “idolatrada e adorada Edite”, em 22 de junho de 1945.

Aquela novidade causava um misto de medo e esperança em Edite. Ela vinte anos mais jovem que ele, vivenciando um momento, o qual não planejara nada do que estava lhe acontecendo. Todavia mais assustados e surpresos ficaram dois de seus três irmãos: Júlia e Milton. Eles afirmaram que Edite mancharia o nome da família caso aceitasse casar-se com Abdias, um homem negro, pobre, pedreiro e com deficiência aparente.

Enquanto os irmãos marcavam pressão sobre a mais jovem dos irmãos, que se mantinha firme no ideal desse amor, novas cartas chegavam e, cada vez mais, Edite era envolvida na relação, que, em princípio, pertencera apenas a Abdias.

Contrariando a vontade familiar, ficaram noivos e após 10 meses de relacionamento, a contar da data da primeira carta, cujo último registro data de 04 de maio de 1946, casaram-se e foram morar na cidade de Timbaúba no estado de Pernambuco.

Durante o período de noivado e correspondência, Edite enfrentou pai e irmãos, passando, na visão familiar, a manter atitudes agressivas, chegando a um determinado momento, a defender seu amor com um “*chute entre as pernas*” do seu irmão Milton, que vivia a provocá-la, com insultos sobre o seu noivado, diferentemente da irmã primogênita Jaira que mantinha a promessa de cuidar da irmã mais nova.

Cresci ouvindo comentarem o quanto elas eram amigas. Na minha infância, lembro quando frequentemente minha avó Edite carinhosamente me convidava para ir com ela fazer uma ronda, assim é como ela se referia quando ia visitar

sua irmã. Caminhávamos mais ou menos uns oito quilômetros até a casa da Tia Jaira que residia na Avenida Centenário em Cruz das Armas. Saíamos do bairro Jardim Bom Samaritano, atravessando o rio Jaguaribe e seguindo pela Rua do rio. O percurso era longo, mas sempre as boas conversas abreviavam o caminho, muito atento às paisagens, me chamava atenção duas gigantescas palmeiras imperiais que ficavam juntas à direita do caminho numa singela casa de taipa. Ali sabíamos que estávamos chegando na metade do destino. (Edny, 2018)

A ligação entre as duas irmãs perdurou durante toda vida até o falecimento de Jaira, em março de 2001. Menos de dois meses depois, de forma repentina, Edite também fizera a passagem. Como afirmou o escritor João Guimarães Rosa em seu discurso de posse³ na Academia Brasileira de Letras, em 16 de novembro de 1967: "Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria! - desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas".

No ano anterior, havia recebido o convite da minha avó para morar com ela, apenas nós dois. Eu tinha 15 anos e sabia que não poderia negar o pedido dela, pois tínhamos um elo muito forte e sentia que ela precisava de mim e eu dela, além do mais, seus cafunés, solfejos de hinos cristãos, as "estórias de Trancoso" e seu tempero me faziam muita falta.

Foi então que num dia comum, estávamos juntos organizando o guarda-roupa quando ela retirou de dentro um envelope amarelado contendo as cartas do meu avô. Fiquei apavorado de emoção quando vi e toquei naquela relíquia. Nunca havia tomado conhecimento que essas existiam. Nesse momento, minha avó perguntou: "você quer? Pois, enquanto vida eu tiver, estará aqui, quando eu me for serão suas", sem ritual nem recomendações. Desde então as guardo comigo. Sabendo quão valiosos são esses documentos para a família, decidi preservá-los a fim de garantir sua integridade e através desses, poder ressignificar a memória familiar, bem como permitir às futuras gerações informações sobre as suas origens.

Hoje as cartas encontram-se em minha residência numa caixa em cruz de papel alcalino, livre de ácidos e lignina, sem fibras recicladas nem branqueadores. Estão separadas entre si por um papel A4 e há perspectivas de restaurar as que carecem de intervenção.

³ Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse>

3 NAS ENTRELINHAS DE UMA PAIXÃO: CONFISSÕES DE SI

Quanto faças, supremamente fazes.
 Mais vale, se a memória é quanto temos.
 Lembrar muito que pouco.
 E se muito no pouco te é possível,
 Mais ampla liberdade de lembrança.
 Te tornará teu dono.
 (PESSOA, 1994, p. 139)

Na época em que se conheceram e se apaixonaram, era comum a escrita de carta. Casais apaixonados registravam suas emoções em papéis perfumados. Amigos e parentes que se encontravam distantes se aproximavam por meio das saudosas linhas a fim de aliviar as dores que a saudade trazia.

Conforme confessou o carteiro aposentado Severino José da Silva, no Programa Bom Dia Pernambuco, 2012:

Naquela época era bem diferente, o sol não se escondia atrás dos prédios. Hoje quando o carteiro chega, tem gente que acha ruim. Acreditam que receberão cartas de cobrança. Antigamente acontecia ao contrário. A nossa chegada era motivo de festa, éramos recebidos com alegria, pois todos sabiam que trazíamos nas mãos uma carta com notícias de alguém querido.

Para uma melhor compreensão do desenvolvimento dessa relação entre Abdias e Edite, adotamos, para fins de análise, a ordem cronológica das missivas, levando-nos a compreendê-las no tempo e espaço, bem como as mudanças de tratamento entre os correspondentes.

Timbaúba 22 de Junho de 1945

Muitas saudades

Minha idolatrada, A paz de nosso Sr. Jesus seja contigo e com os teus.

Com o coração cheio de alegria escrevo-te estas saudosas linhas, fazendo preces ao todo Poderoso que vos ampare como seu braço protetor. Edite, foi para mim uma surpresa quando com você conversava, disse que iria aí no outro dia mas depois que cheguei em casa fui forçado terminar a vir por motivo justo, muito embora Deus sabia da minha vinda, longe como estou da tua presença, mas, confiante em Deus e na tua nobre pessoa, espero sermos felizes com o auxílio do Senhor.

Espero ansioso sua resposta, muitas recordações para tu e os teus. Breve estarei ai. Com muitas saudades me subescrevo.

Sempre teu,

Abdias Bizerra

Não se pode afirmar que esta seja a primeira carta escrita por Abdias para Edite. Mas trata-se do primeiro registro contido nos arquivos de família. Nesse registro, o

missivista parece querer fundamentar sua relação numa aproximação com o sagrado, em razão da presença marcante de um discurso fortemente religioso evocando por cinco vezes “Deus ou Senhor Jesus Cristo”, colocando-os como protetores supremos da amada. Nesse sentido, ele ainda que timidamente deixa transparecer o sentimento dele e seu desejo ao afirmar: “Minha idolatrada; coração cheio de alegria; saudosas linhas; espero sermos felizes; Breve estarei ai, e acrescenta: Com muitas saudades; Sempre teu”.

Timbaúba 6 de setembro de 1945

Saudações fraternal,

Extremosa e adorada Edite, ao longe abraço-te. Em dado momento que me acho sempre melhor e pego nesta humilde pena para dar-te as minhas notícias como também receber as tuas. Edite, eu já estou impressionado porque faz 15 dias que lhe escrevi e você não me respondeu, será porque fazem 3 meses que vim e não foi possível ir ainda? Óh! Já estais esquecida de mim? Digo, o motivo você sabe, pois vou com 25 dias que fui acidentado agora é que vou melhor.

Sim! Já não te mandei dinheiro para você ir comprando alguma cousa porque tenho feito despesas com você já está ciente. Enquanto as alianças, não tenha cuidado, já estão prontas, mas, só irão comigo, como também mande o número que calça para eu mandar fazer o sapato. Minha filha, só me falta para casa as louças, isto porque adoeci. Espero em Deus ir em breve para melhor acertar o nosso plano se Deus quiser. Olhe, não me faça esperar muito, tenho fé em Deus que realizaremos o nosso desejo.

Com muitas saudades tua termino esta, abraço-te,

O teu noivo que nunca esquecerá de ti,

Abdias B. da Silva.

Em uma segunda carta, com aproximadamente três meses de distância, pode-se observar que Abdias aumenta seu desejo de enlace matrimonial com Edite, embora de modo delicado reclame do silêncio dela que, no decorrer de quinze dias, não escreveu para ele. Revela sua angústia e saudades, porém deixa claro que não pode ir vê-la em razão de um acidente que o afetara. Todavia, o fato não o afastou de seu objetivo tanto que afirma ter comprado os objetos para a casa em que morariam após o casamento, a compra das alianças e ainda pede o número para que providencie os sapatos de casamento.

Apesar de tratar de assuntos mais materiais e de saúde, Abdias deixa transparecer, mais uma vez, a vinculação pessoal com o sagrado ao registrar: “Espero em Deus ir em breve para melhor acertar o nosso plano se Deus quiser”. E concluí declarando-se a Edite ao dizer: “Com muitas saudades tua termino esta, abraço-te, O teu noivo que nunca esquecerá de ti”.

Timbaúba 21 de outubro de 1945

Fraternal saudades minha idolatrada Edite coração pulsando dentro do peito por estar separado de tu. Passo a te endereçar estas saudosas linhas avisando-te da minha alegria por saber que estais em pleno estado de saúde. Minha filha, posso dizer-te que ainda não é possível ir este mês devido está aproveitando os 25 dias que passei doente, muito embora tenha perdido muita noite de sono em pensar em tu, desejo muito ser transformado numa ave para pousar em teus carinhosos braços. Filhinha, tenha paciência que não sou de mero seu noivo e que espero em Deus desaparecer estas nossas saudades.

Não esquecerei de ti um só instante minha santa, vai aí a aliança, por que eu, como já disse, não posso ir agora, sei que tenho de ir esses dias, como também peço-te que me perdoai as tristezas que tiveste em te contar o sonho, não foi te julgando, não pense isto de quem tanto confia em tua pessoa, só Deus é sabedor das minhas dores por me achar longe de quem é minha imagem. Aceita filhinha os meus sinceros agradecimentos e estima do meu peito, e um abraço de longe já que pessoalmente não posso ir.

O teu inesquecível noivo que muito te preza, Abdias B. Silva

Ao que tudo indica, Edite responde à carta de Abdias que declara expressamente seu encantamento pela jovem e a saudade que carrega no peito, ao afirmar: “Edite coração pulsando dentro do peito por estar separado de tu. Passo a te endereçar estas saudosas linhas avisando-te da minha alegria por saber que estais em pleno estado de saúde”. As formas carinhosas como passa a reportar-se à Edite parecem revelar um aprofundamento da relação, a exemplo de expressões como: “Minha filha; Filhinha; pousar em teus carinhosos braços; minha imagem. Abdias parece preocupar-se em não desapontar que há dias não a vê e deixa claro que a distância apenas aumenta a paixão.

Timbaúba 15 de dezembro de 1945

Fraternal saudades,

Prezada noiva saúde é o que desejo-te, através destas curtas linhas aviso-te que vai aí um sapato e um corte de seda. Responda-me se recebeu.

Enquanto minha ida, só depois deste mês, se Deus quiser quando estiver próximo eu lhe aviso antes.

Outro sim! Eu minha filha, estou um pouco doente, mas, contudo, estou trabalhando, pois não findas janeiro sem fazer este casamento se Deus quiser e acho que já estou demorando demais. Aqui termino.

Aceita as minhas saudades e abraço-te de longe. Lembranças à todos.

O teu ausente noivo que muito te quer, Abdias B. da Silva

Aproximadamente dois meses depois, mais uma vez, Abdias escreve para Edite. Em uma curta comunicação, divergindo das demais, ele justifica a sua ausência em razão de problemas de saúde, mas reitera o desejo pelo enlace e a provável data que este acontecerá. Mesmo de forma discreta, ele cobra-se pelo fato de ainda não ter realizado o casamento ao afirmar: “Outro sim! Eu minha filha, estou um pouco doente, mas, contudo, estou trabalhando, pois não findas janeiro sem fazer este casamento se Deus quiser e acho que já estou demorando demais”. Apesar de ainda encontrar-se convalescente, ele parece inconformado por já não ter realizado o matrimônio, tanto que envia o sapato e o tecido que Edite se utilizaria para fazer seu vestido de casamento.

Timbaúba, 28 de Janeiro de 1946

Tudo está pronto!

Eu acredito que meu coração está dentro do teu, pois tu és minha vida, tu és minha respiração, és em fim o meu tudo em minha vida. Aceita minha querida filhinha, as expressões sinceras e beijos que vão por meio desta que envio.

O teu sincero noivo que tanto te ama, até nestes dias se Deus quiser.

Do teu ausente, Abdias B. da Silva

As missivas revelam-se um tanto quanto esparsas. Provavelmente, isso ocorre em razão de não dispormos das cartas escritas por Edite em resposta às confissões de Abdias, tanto que entre dezembro e janeiro passaram-se quase 30 dias sem que se falassem. Porém, na carta datada de 28 de janeiro de 1946, Abdias declara, enfaticamente, seu amor por Edite ao dizer: “Tudo está pronto! Eu acredito que meu coração está dentro do teu, pois tu és minha vida, tu és minha respiração, és em fim o meu tudo em minha vida”. Adotando a expressão tu és, Abdias deixa claro o significado dela para ele, dando uma conotação de entrega total que denota uma existência agregada a outro ser, ficando apenas na intensidade entre eles.

Timbaúba 13 de abril de 1946

Prezada noiva saúde e mil felicidades é o que desejo-te junto aos teus.

Minha filha, tendo recebido tua carta no dia 7 deste, e estando trabalhando fora, hoje foi que tive ocasião de te responder, pela qual peço mil desculpas. Minha filha, vai o meu registro e a carteira de identidade, filhinha você pague o casamento e o resto é seu. Olhe, eu pedi licença e se chegar no dia 18 eu chegarei aí no dia 20 como prometi, se Deus quiser, para conversar

pessoalmente com o sr. Basto. Outro sim, as saudades são demais. Tenho sofrido muito por tu não estar ainda comigo, mas, está sim o nosso dia, se Deus quiser, se aproximando. Sem outro assunto, aceita um efusivo beijo do teu inesquecível noivo que muito te quer. Lembranças a todos que por mim perguntar, como também a Jaira. Peço que entregue esta a teu pai.

Sem mais, por agora, o teu e sempre teu, Abdias B. da Silva

Enquanto nas cartas Abdias tem se mostrado muito mais voltado para a relação particular do casal, na carta datada de 13 de abril de 1946, ele envolve outras pessoas que passaram a fazer parte da relação dos dois, a exemplo de senhor Bastos, Jaira e, ainda, pede que ela comunique a confirmação do casamento ao seu pai e envie-lhe os recursos para custear os banhos cartoriais, tornando possível a realização do sonho de ambos, o casamento.

Timbaúba 4 de maio de 1946

Fraternais saudades tua filhinha, tendo recebido tua memorável e feliz carta, a qual me deixou deveras regozijado por saber que vais passando bem.

Sim, o papel não vai agora por que eu estou trabalhando fora de Timbaúba com 4 léguas, não se incomode que está chegando o dia da nossa felicidade, se Deus quiser. Dê lembranças a todos que por mim perguntar e de minha parte. Beijo-te e abraço-te do íntimo do meu peito, do teu ausente noivo que muito te ama e te adora, Abdias B. da Silva

Após quase dez meses de enamorar-se e aproximando-se do enlace do jovem casal, Abdias passa a adotar tratamentos mais íntimos para com a noiva, cujo contato era apenas por meio das cartas. Deixa de chamá-la de filha, referindo-se a ela como filhinha, e explicita: “não se incomode que está chegando o dia da nossa felicidade, se Deus quiser [...] Beijo-te e abraço-te do íntimo do meu peito, do teu ausente noivo que muito te ama e te adora”. O missivista passa a adotar a palavra amor, no sentido de paixão, que, de acordo com Rocha (2008, p. 111), “[...] a paixão amorosa é uma forma *sui generis* e toda especial de amor”.

Castelo Branco (2014), discorrendo sobre o amar na perspectiva lacaniana considera que o amor possui a capacidade de transformar aquele que ama em alguém que direciona sua falta ao outro. Para o autor (2014, p. 88),

[...] a relação amorosa transmite uma incompletude que é colmatada pela promessa de união que o próprio amor oferece. Amar é oferecer em exposição à falta que o marca, é dar uma ausência que pede, ou melhor, demanda, [...] demanda que é sempre, por definição, demanda de amor.

Nesse sentido, torna-se necessário o sujeito reconhecer-se como incompleto que busca no outro um ser em si. Nessa caminhada, Abdias deixa transparecer buscar em Edite parte de seu ser.

4 ENVELOPANDO AS CARTAS: GUARDANDO-AS NO ARQUIVO

Fanatismo

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida
 Meus olhos andam cegos de te ver!
 Não és sequer razão de meu viver,
 Pois que tu és já toda a minha vida!
 Não vejo nada assim enlouquecida...
 Passo no mundo, meu Amor, a ler
 No misterioso livro do teu ser
 A mesma história tantas vezes lida!

Tudo no mundo é frágil, tudo passa...
 Quando me dizem isto, toda a graça
 Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, vivo de rastros:
 "Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
 Que tu és como Deus: princípio e fim!..."

(ESPANCA, 1923)

O primeiro norte deste artigo foi o de associar a forma discursiva das cartas sob a perspectiva teórica da escrita de si na concepção de Foucault (1992), ou seja, cada um de nós escreve, registra as ações e os movimentos de sua alma, no sentido do seu interior como forma de dar-se a conhecer. Nesse ato de escrita parece descortinar-se uma relação de complementariedade, um quase atenuante da solidão. Por outro lado, associamos a este ato de confissão registrado em uma materialidade, a qual foi concebida neste texto como espaço de recordação.

Um espaço que materializa memórias individuais e coletivas situadas no tempo e espaço da relação de uma paixão amorosa, revelado por meio de suas expressões mais sublimes. Dentre as muitas possibilidades de uma escrita de si, ver-se, neste caso, uma paixão diante de uma passividade. Isso se dá, talvez, em razão de não termos as cartas escritas por Edite. Por conseguinte, vemos a paixão amorosa apenas ofertada por Abdias que a cada ato confessional desprendia-se de si, tornando Edite parte intrínseca de si mesmo num estado de fascinação autoengendradora capaz de expor formas de pensar e

relacionar-se, mesmo com saudade do amor que lhe acometera, tudo escrito no misterioso livro do teu ser, como acentua Florbela Espanca no poema *Fanatismo*.

Por outro lado, as cartas se enunciam como escritas íntimas, nas quais se revelam, nas linhas e entrelinhas de cada palavra, circunscrevendo no tempo e espaço uma força motriz que forma o espiral de amor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Brenda Alves de. **Informações epistolares:** memórias em envelopes. 2014. 188f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3952>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

ANDRADE, Brenda Alves de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Confissões extraordinárias: memórias em epístolas infantis. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 16, 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ANCIB, 2015.

ARAÚJO, Pedro Galas. **Trato desfeito:** o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9975?mode=full>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e escritas.** 2000. 147f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

CARVALHO, Paulo César de. **Fragmentos epistolares de um discurso amoroso:** elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero carta de amor. 2005. 265f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001468403> Acesso em: 16 de out. 2018.

CASTELO BRANCO, Felipe. Sobre o amor e suas falhas: uma leitura da melancolia em psicanálise. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p.85-98, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000100006. Acesso em: 05 de nov. de 2018.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da identidade.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 2
COX, Richard J. **Arquivos pessoais:** um novo campo profissional, leituras, reflexões e reconsiderações. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2017.

ESPANCA, Florbela. **Livro de Sórora Saudade**. Lisboa: Tipografia A Americana, 1923.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Vega: Lisboa, 1992. (Coleção Passagens)

G1 PERNAMBUCO. **Série da Globo NE lembra a transição da época das cartas para a internet**. Disponível em:

<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/04/serie-da-globo-ne-lembra-transicao-da-epoca-das-cartas-para-internet.html> Acesso em: 13 de nov. de 2018

GONÇALVES, Manuel Silva; GUIMARÃES; Paulo Mesquita; PEIXOTO, Pedro Abreu. **Arquivos de família**: organização e descrição. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), 1996

LEMINSKI, Paulo. **Melhores poemas**. São Paulo, Global Editora, 1996.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Pesquisa qualitativa: possibilidades nas organizações aprendentes. In: BRENNAND, Edna Gusmão de Goés (Org.) **Gestão Aprendente**: cenários convergentes. João Pessoa: Editora UFPB, 2017. p.379-428.

OLIVEIRA, Reinaldo José de; OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Origens da segregação racial no Brasil. **Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM**, v. 29, 2015, Publicado el 18 junio 2015. Disponível em:

<http://journals.openedition.org/alhim/5191>. Acesso em: 13 de nov. de 2018.

PESSOA, Fernando. **Ode de Ricardo Reis**. São Paulo: Ática, 1994.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Tradução de Pedro Sussekind. São Paulo: L&PM, 2006. (Coleção L&PM Pocket)

ROCHA, Zeferino. **Freud novas aproximações**. Recife: Editora da UFPE, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

Recebido/ Received: 01/05/2020

Aceito/ Accepted: 21/05/2020

Publicado/ Published: 27/05/2020



Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)